

Ana Paula Nunes Chaves,* Maria Flavia Barbosa Xavier*

Amazônia em imagens: sobre uma educação visual pela revista *National Geographic*

Amazon in pictures: about visual education through *National Geographic Magazine*

Abstract | Images are resources historically used to represent multiple themes, and in geographic education it is no different. Images collaborate in the construction of geographic imaginaries and educate us about spaces, people and cultures. Based on Nicholas Mirzoeff's contributions to visual culture and Michel Foucault's notion of archive, we explore the visual narratives of one of the most important biomes, the Amazon Rainforest. To do so we investigated the *National Geographic* collection in 24 reports, published between 1889 and 2021, with explicit mention of the forest. In the 20th century, there was a progressive incorporation of images into reports, emphasizing a picturesque biome, primitive people and traditional customs, in addition to fauna and flora. In the 21st century, the main themes are environmental problems and regional conflicts over land use. Indigenous peoples have been silenced in reporting, although their images are abundant. Therefore, there is an invisibility of more plural and complex narratives related to the national reality of the Amazon in *National Geographic*. The magazine collaborates in the creation of visual narratives capable of teaching us about people and forests, as its images make up a fundamental element in the construction of identity, culture and even Brazilian geographic space.

Keywords | visual culture | pedagogical rationality | geographic imaginations.

Resumen | As imagens são recursos historicamente utilizados para representar múltiplas temáticas, e na educação geográfica não é diferente. Imagens colaboram na construção de imaginários geográficos e educam-nos sobre espaços, povos e culturas. A partir dos aportes de Nicholas Mirzoeff sobre cultural visual e da noção de arquivo de Michel Foucault, exploramos as narrativas visuais de um dos mais importantes biomas, a Floresta Amazônica. Para tanto, investigamos o acervo da *National Geographic* em 24 reportagens, publicadas entre 1889 e 2021, com menção explícita à floresta. No século XX, há uma progressiva

Recebido: 14 de fevereiro, 2024.

Aceitado: 13 de junho, 2024.

* Universidade do Estado de Santa Catarina.

Correios eletrônicos: ana.chaves@udesc.br | mflaviabx@gmail.com

Nunes Chaves, Ana Paula, Maria Flavia Barbosa Xavier. «Amazônia em imagens: sobre uma educação visual pela revista *National Geographic*.» *INTER DISCIPLINA* 13, nº 35 (enero-abril 2025): 67-91.

doi: <https://doi.org/10.22201/ceiich.24485705e.2025.35.90099>

incorporação de imagens às reportagens, enfatizando um bioma pitoresco, povos primitivos e costumes tradicionais, além da fauna e flora. Já no século XXI, os temas principais são os problemas ambientais e os conflitos regionais no uso das terras. Os povos indígenas foram silenciados nas reportagens, embora suas imagens sejam abundantes. Portanto, há uma invisibilidade de narrativas mais plurais e complexas relacionadas à realidade nacional da Amazônia na *National Geographic*. A revista colabora na criação de narrativas visuais capazes de ensinar-nos sobre povos e florestas, pois suas imagens compõem um elemento fundamental na construção da identidade, da cultura e até mesmo do espaço geográfico brasileiro.

Palavras-chave | cultura visual | racionalidade pedagógica | imaginações geográficas.

Apresentação

NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS, a contextualização espacial e social dos fenômenos é dada principalmente pelo constructo visual. O ver permite imaginar paisagens, idealizar lugares e situar um determinado espaço, contexto e momento histórico. Desde as investigações de Gillian Rose (2013), já sabemos que a Geografia é uma disciplina que, em grande medida, se vale das imagens para a construção de suas narrativas espaciais.

Quando falamos em imagens, estamos nos referindo a todo tipo de produção de caráter visual a que temos acesso por diferentes meios e registros, como a fotografia, a pintura, o cinema, os mapas, os croquis, as imagens de satélites, os desenhos, as gravuras, as charges etc. Na atualidade, com a popularização dos instrumentos de informação e comunicação digitais, como televisores, computadores, *tablets* e *smartphones*, ter imagens ao alcance da mão, a qualquer momento e local, parece algo natural e inerente ao cotidiano das pessoas. Entretanto, ao longo da história da imprensa, as imagens nem sempre chegaram no mesmo volume, frequência e qualidade a todas as pessoas.

Nos primórdios da imprensa moderna, os jornais e revistas não continham a atual profusão de imagens que estamos acostumados a ver. A construção dos imaginários sobre os lugares era dependente da descrição escrita e da conjugação de imagens pretéritas que os leitores já tivessem acessado até então, ou mesmo de outras experiências vivenciadas em diferentes registros visuais. Com o advento da inclusão das imagens nos periódicos, principalmente na forma de desenhos e fotografias vinculadas às reportagens, ficou mais concebível situar o imaginário de determinado lugar ou paisagem ao ilustrar a narrativa visual apresentada.

Entretanto, o uso indiscriminado das imagens na representação dos lugares e paisagens leva à proposição de algumas questões: seriam as fotografias apresentadas fidedignas ao seu contexto, para além da representação dada? Seriam elas retratos do real? Ou haveria um enquadramento para determinado sentido

ao objeto capturado? Ou, ainda, nas palavras de Didi-Huberman (2012, 209), a “que tipo de conhecimento pode dar lugar a imagem”?

Partimos do pressuposto de que a crescente produção de imagens no mundo contemporâneo e a amplitude alcançada por sua circulação em diferentes veículos de divulgação têm colaborado cada vez mais na pedagogização de nossas noções de mundo. Em se tratando das análises geográficas de determinada espacialidade, o uso de imagens associadas a narrativas pode direcionar uma interpretação a respeito dos lugares, das paisagens e das culturas. Por essa razão, não seria importante nos perguntarmos e compreendermos como as imagens fotográficas contribuem nas análises dos espaços, como promovem a construção de imaginários sobre eles e como nos educam sobre esses espaços?

A partir dessa problemática anunciada, nossa proposta consiste em explorar os registros visuais de um dos mais importantes biomas brasileiros, a Floresta Amazônica. Interessa-nos identificar e analisar de que modo as narrativas discursivas e o uso de imagens fotográficas auxiliam na construção de imaginários da floresta em território brasileiro. Para isso, investigamos o acervo da *National Geographic Magazine*, de 1889 a 2021, uma revista de grande circulação e com tradição na publicação de reportagens de cunho científico, tendo na imagem fotográfica um de seus maiores atributos.

Cultura visual e imaginários geográficos

A crescente produção de imagens no mundo contemporâneo e sua ampla circulação em diferentes veículos de divulgação têm colaborado cada vez mais na formação de imaginários geográficos. As imagens vêm ocupando um lugar preponderante em nossa forma de conceber o mundo, os lugares e os outros, desde as paisagens que já conhecemos de um espaço próximo até as paisagens longínquas e, por vezes, inacessíveis.

Embora muitos de nós nunca tenhamos estado presentes fisicamente nas savanas africanas, em meio à sua exuberante fauna e flora, por exemplo, somos capazes de descrever algumas das paisagens desse cenário e até mesmo os animais e as espécies arbóreas que ali vivem. Tal formação do imaginário parte, em grande medida, do contato com imagens dessa paisagem em circulação nos livros didáticos e revistas ilustradas, nos encartes publicitários de agências de viagens, nos programas de televisão, na literatura, em exposições temáticas e por meio do cinema e da internet. Para Sardelich (2006), as imagens tornam-se cada vez mais presentes em nossas vidas e são incorporadas desde muito cedo nas mais diferentes culturas, principalmente no atual contexto das tecnologias digitais, em que o compartilhamento de imagens via canais de televisão e pela internet ganham destaque no acesso à informação.

A introdução de imagens na vida cotidiana é anterior à alfabetização literária, iniciando-se com a interpretação de ilustrações em livros, desenhos animados, *outdoors*, fotografias em revistas e nos aparelhos de televisão e celular. Nesse ponto, o imaginário tem um papel relevante na construção do conhecimento, pois uma criança exposta a um contínuo de imagens também é desafiada a criar um contexto, uma história, o que já é o início da alfabetização gráfica, que mais adiante se torna consciente pelo reconhecimento dos símbolos no processo de leitura e escrita.

Segundo Azevedo (2014) e La Rocca (2017), a criação mental das imagens vem com o estímulo do que foi visto junto com o ambiente onde a pessoa está inserida, a partir da acumulação de experiências vividas por aquele ser no seu contexto cultural. Sendo assim, é preciso cuidado e cautela na interpretação das imagens e em sua contextualização, uma vez que os recursos tecnológicos atuais proporcionam as mais diversas possibilidades de enquadramento.

Já La Rocca (2017) e Silva (2018) discutem que a interpretação das imagens está permeada pelas experiências sociais e culturais individuais. Segundo esses autores, para que as imagens reflitam uma interpretação do seu tempo, da realidade e com um critério cientificista, deve-se educar o olhar para além da interpretação imaginária, situando-a em um contexto concreto. A imaginação, ainda que componente importante da interpretação, deve ser dissociada da análise crítica factual, de maneira a evitar o preenchimento das lacunas do conhecimento com dados relativos a experiências pretéritas, de cunho pessoal e emocional.

Como já ressaltado, a cultura tem papel fundamental na interpretação da realidade e na criação do imaginário a respeito dos lugares. Para Cosgrove (2004), em se tratando das chamadas culturas dominantes, ou seja, aquelas oriundas de países colonizadores, predominantemente europeus, há a subjugação da imagem dos colonizados como povos primitivos, causando uma segregação social e estética em que, historicamente, o primitivo era esquecido, deixado de lado. Então, não apenas a produção das imagens, mas também o olhar sobre elas, foram baseados em classificações, em que somente os dominantes eram visíveis.

De acordo com Mirzoeff (2016, 756), “[...] o direito de olhar está fortemente interligado com o direito de ser visto”. O autor trata, em seu ensaio, da concepção da visualidade como instrumento de hegemonia e legitimação da visão de um povo sobre o outro e, mais especificamente, da visualidade ocidental — entendendo-se aqui a visão dos países ocidentais do norte global — sobre as culturas e expressões dos povos colonizados. A partir desse ponto de vista, em alinhamento com o criticismo de Mirzoeff (2016) à visualidade ocidental colonizadora, pode-se interpretar que os povos minoritários, as culturas tradicionais e nativas, só poderiam ser analisados pela imagem construída e difundida pelo colonizador. O direito de ser visto de grupos minoritários, por vezes, é condicionado a um imagi-

nário de referências históricas, sociais, culturais e morais daquele que cria a imagem (Mirzoeff 2016). Esta, por sua vez, nem sempre é vista pela sua pluralidade de existências, nem pela óptica da realidade de outros além daquele que a criou. Esse tipo de representação visual não causa só a perda de informações e de apropriações de conhecimento cultural, já que a visualidade limita o recorte àquilo que o colonizador deseja ver. Por outro lado, também desvaloriza aquele que é subjugado a uma condição de inércia e invisibilidade de resposta a partir do seu próprio constructo, uma vez que é dificultada a construção de outras narrativas visuais em oposição àquelas difundidas e fundamentadas.

A visualidade trata da experiência, do aprendizado, da interpretação de um fenômeno ou de um caractere a partir da visão (Sérvio 2014). Somos ensinados e educados a interpretar um fenômeno com base no que é visto, isto é, a partir de uma imagem, seja ela uma expressão representativa, um desenho, uma fotografia ou uma expressão corporal. A visualidade está intrinsecamente relacionada com a cultura, uma vez que a interpretação do mundo é derivada das trocas interpessoais de cada coletivo e da apreensão visual de suas manifestações, em que se constitui o aprendizado sobre como perceber a imagem.

Não é difícil, portanto, a conclusão de que espaços, lugares e paisagens receberam, ao longo dos anos, marcante e inerente influência das imagens obtidas — e construídas — a partir do olhar da dominância cultural. Entender as origens de tal análise e, principalmente, desfazer os vínculos narrativos desses constructos é essencial para ampliar as interpretações da realidade. Ademais, faz-se entender que a educação contemporânea necessita, com urgência, de reinterpretar e adequada contextualização das imagens, perfazendo os caminhos intelectuais de valoração da cultura (Almeida 2021; Azevedo 2014). Retomando ainda a narrativa de Mirzoeff (2016), a partir do momento em que as narrativas são construídas sob o jugo de uma cultura dominante, a história é apresentada por uma determinada perspectiva hegemônica que pode vir a construir, inclusive naquele que observa, o ponto de vista unilateral do dominador. Sendo assim, é preciso descolonizar o olhar e trazer ao consciente a criticidade sobre o que se vê.

A própria educação pelas imagens, nos moldes como a conhecemos hoje nos livros didáticos do Brasil, carrega uma acentuada herança colonizadora em sua estrutura e na representação de narrativas universalizantes, como pode ser conferido nas pesquisas de Chaves (2020), o que torna necessário um exercício de criticidade e de reaprendizagem do olhar. Ou seja, é preciso educar a mirada, educar o olhar para o que vemos e como vemos.

Essa perspectiva apresenta-se, por exemplo, à formação das imagens e imaginários sobre a Geografia. Como disciplina, a Geografia debruça-se sobre questões além do espaço físico e territorial. Incorpora as narrativas sociais, políticas e históricas que moldam nossa compreensão do território e de sua ocupação hu-

mana. Na leitura de Azevedo (2014), as imagens narrativas sobre a geografia, por fim, ajudam na construção das experiências individuais no mundo e da percepção geopolítica da disciplina.

Daí, surgem certas perguntas: como narrativas visuais constituem realidades acerca das paisagens? E como essas narrativas se correlacionam com a realidade e dão ou não a ver narrativas e trajetórias já instituídas? Por fim, qual o papel midiático, em particular, da imagem fotográfica, na construção de narrativas e descrições audiovisuais?

Considerando que as imagens são centrais na produção e difusão do conhecimento, não poderíamos cogitar que a revista *National Geographic*, por sua larga repercussão, não contribuiria para nos educar sobre o mundo, seus espaços, paisagens e culturas? Caberia, a nosso ver, uma investigação na revista sobre a temática em voga, para identificar e analisar os contextos das imagens sobre a Amazônia brasileira.

O manuseio arquivístico como procedimento de pesquisa

Para investigar como a racionalidade pedagógica nas imagens da *National Geographic* constitui imaginários geográficos sobre a Amazônia brasileira, o exercício proposto foi cartografar um conjunto de registros visuais, dentre eles, as fotografias, os mapas, os desenhos, as gravuras, as narrativas etc.

A linha procedimental aponta para a ideia de arquivo, ou seja, um esforço metodológico de trabalho com o pensamento arqueogenealógico de Michel Foucault. Entendemos que um conjunto de imagens e textos é um arquivo bruto que pretendemos explorar, no intuito de reconhecer e visibilizar significativas produções visuais. De tal modo, detemo-nos em diferentes racionalidades para esses arquivos e seus deslocamentos mais evidentes, resultado de jogos de forças e de interesses que refletem uma série de regimes de verdade, além dos valores sociais e culturais em cada época.

Nesse movimento arqueogenealógico, o arquivo fornece tanto a arqueologia dos discursos quanto a genealogia das estratégias e racionalidades pedagógicas atuantes nas imagens da revista. Arqueogenealógico porque traça uma linha transversal que liga o passado ao presente, que expõe o conjunto de regras de uma dada época, de uma dada sociedade, e que apresenta uma leitura de seus feitos, enunciados e acontecimentos – uma leitura dinâmica, como fotografias em movimento.

Consideramos que a revista *National Geographic* é um dos potentes arquivos de imagens dos séculos XIX e XX, com cerca de 37 milhões de leitores em todo o mundo e com o fotodocumentarismo garantindo-lhe autenticidade. A revista foi fundada em 1888 pelo influente grupo estadunidense National Geographic Socie-

ty. Ainda que seus primeiros fascículos, publicados em 1888, não tenham feito uso direto de imagens, a partir das publicações de 1896, as imagens, como desenhos e fotografias, vão pouco a pouco ganhando seus espaços. A *National Geographic* tornou-se um dos maiores ícones de revista ilustrada da atualidade e tem na imagem — em particular, na fotografia — uma de suas receitas de sucesso.

Investigamos a National Geographic Virtual Library, uma biblioteca virtual que contém a vasta coleção da National Geographic Society, sendo esta instituição a responsável pela publicação mensal da revista *National Geographic*. Na biblioteca virtual,¹ está disponibilizado o acervo digital com todas as revistas, em inglês, da *National Geographic*, publicadas a partir de novembro de 1888 até o presente. A revista já foi traduzida para mais de 50 idiomas, e, no Brasil, sua tradução para o português brasileiro durou de maio de 2000 a novembro de 2019. A revista é publicada mensalmente e conta com, em média, 150 páginas em cada edição. Até a análise do presente estudo, em junho de 2021, foram publicadas 1.533 edições em inglês da *National Geographic Magazine*.

Historicamente, as reportagens da revista abordam temas como fauna e flora, meio ambiente, pessoas e cultura, ciência e tecnologia, e viagens de cunho cultural e histórico. A revista é conhecida, principalmente, por suas belas fotografias, que já foram diversas vezes premiadas pela qualidade das imagens, inovação e ineditismo, além da sua contribuição para a educação e a construção de narrativas sobre o espaço, a história e a geopolítica. Entretanto, como todos os recursos visuais, a popularização das fotografias em publicações impressas deu-se com a evolução e disseminação de tais artifícios de comunicação ao longo do tempo. As primeiras edições, portanto, não contavam com esse recurso, e a primeira imagem fotográfica publicada foi na edição de 1909, em uma reportagem sobre o Tibet.

Antes de investigarmos os conteúdos sobre a Amazônia nas páginas da revista, foi preciso conhecer a composição e a editoração do seu banco de dados de forma pormenorizada, pois era importante saber manusear a infinidade de informações que lá circula. A biblioteca traz só o acervo em inglês, então, os termos de busca foram transcritos nesse idioma. O primeiro filtro de pesquisa selecionado para esta investigação foi a palavra *Brazil*. Ao aplicar esse filtro, foram registradas 473 ocorrências do termo, entre os anos de 1888 e 2021 (figura 1).

A partir das ocorrências desse termo, iniciamos a organização dos dados em um primeiro arquivamento, observando os seguintes critérios de caracterização dos artigos: ano de publicação; volume; página onde está a referência ao termo; seção da revista onde está inserido; detalhamento de onde está o termo (se em legenda ou no corpo do texto); contexto (natureza do conteúdo); composição

¹ Disponível em: <https://www.gale.com/intl/primary-sources/national-geographic-virtual-library>.

Figura 1. Frequência de artigos indexados com a palavra *Brazil*, por ano de publicação (1888-2021).



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados de pesquisa obtidos na National Geographic Library (2021).

com outros elementos (reportagem, foto, infográfico); e categorização temática do assunto da ocorrência (meio ambiente, história, geografia, política etc.). Por último, foi feita a problematização desses dados, em uma análise qualitativa dissertativa.

Após esses procedimentos, um novo arquivamento foi realizado, levando em consideração se o Brasil era o foco principal da reportagem, se era somente uma citação ou se estava sendo utilizado como parâmetro para comparação de dados. Estes dois últimos itens foram considerados como critérios para exclusão do arquivo de reportagem analisado. A partir desse segundo arquivamento, das 473 ocorrências encontradas, identificamos que 299 reportagens continham imagens/conteúdos completos relevantes sobre o Brasil, em diferentes temas e recortes histórico-geográficos.

Uma nova reordenação dos dados foi realizada e, neste novo arquivo de dados gerado, contabilizamos exclusivamente as reportagens em que o Brasil era conteúdo de destaque, bem como as reportagens cujas imagens relevantes do país tratassem de povos, culturas, biodiversidade e historiografia. Neste momento, 88 publicações atendiam a tais critérios, e, a partir da leitura cuidadosa dos dados selecionados, elegemos a Amazônia brasileira como tema de interesse para o presente artigo.

As narrativas visuais sobre a Amazônia na *National Geographic*

De 1888 a 2021, existem 24 reportagens que trazem a Amazônia em seu contexto principal. As reportagens e as análises narrativo-descritivas são apresentadas

sequencialmente, por blocos de artigos ao longo das décadas, enfatizando os movimentos das discursividades narrativas derivadas das fotografias e o contexto linguístico que as acompanha.

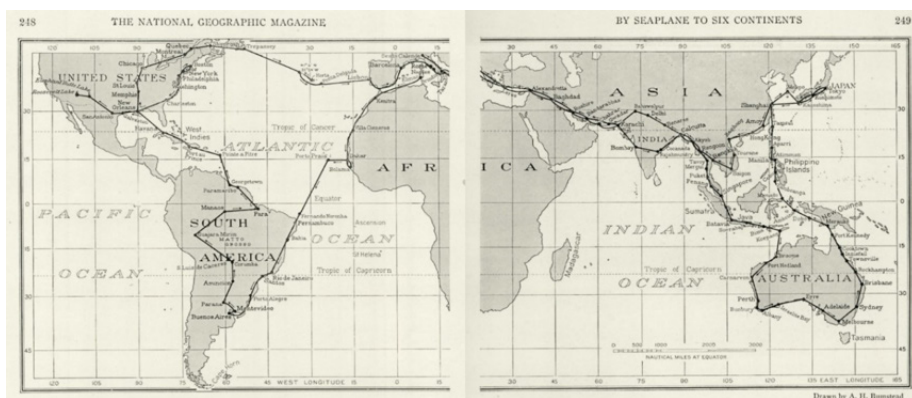
As primeiras reportagens publicadas sobre a Amazônia na revista *National Geographic* reproduzem, em grande medida, uma geografia física como descritora de um bioma. As duas primeiras reportagens retratando a Amazônia brasileira datam do final do século XIX, em 1894 e 1897. Nelas, são encontrados apenas textos, pois ambas foram publicadas quando a revista ainda tinha o propósito de informar os membros da National Geographic Society sobre determinado assunto e, para isso, trazia relatos de pesquisas de alguns deles. Não havia, até então, a prática de ilustrar o artigo.

A primeira reportagem, de 1894 (Hubbard 1894, 114), traz detalhes de uma geografia estritamente física da região: explicam-se em detalhes a movimentação das massas de ar e as características de distribuição das células de vento na região. Vale destacar que já nessa reportagem há a informação de que a circulação atmosférica na Amazônia é importante para a distribuição de umidade no continente e para a regulação do regime de chuvas no sul e no sudeste brasileiros.

A segunda reportagem, publicada em 1897 (Greely 1897), já explora e aborda um aspecto econômico da região. No relato, um panorama geral da produção de borracha na Floresta Amazônica foi construído, contextualizando a era de ouro da produção dos seringais no norte do Brasil. Os autores mencionam que a borracha encontrada na região do Pará é a melhor borracha bruta do mundo e fazem uma breve comparação com a exploração do recurso vegetal na Nicarágua e em Serra Leoa. Percebe-se, portanto, um olhar colonialista e de exploração dos recursos naturais brasileiros, isso quando ainda não havia a preocupação de proteger o ecossistema amazônico, mas de desenvolver economicamente a região, ao atender a critérios, demandas e necessidades de um mercado crescente no Velho Continente, com alta necessidade de matéria-prima para a ascendente indústria automobilística.

Já no século XX, as reportagens levam-nos a perceber o despertar da arte como forma de comunicação e disseminação da informação massiva. A primeira reportagem com uso de imagem publicada no século XX, em 1928 (Pinedo 1928), é intitulada *By seaplane to six continents: cruising 60,000 miles, Italian Argonauts of the air see world geography unroll, and break new sky trails over vast Brazilian jungles* (figura 2). Na reportagem, há um planisfério com a seguinte legenda: “A ousada façanha do hidroavião saindo do Alto Paraguai em direção ao Amazonas — uma perigosa viagem sobre uma vasta floresta verde chamada Mato Grosso — revelou aos italianos uma região nunca vista antes por nenhum aviador [sic]” (Pinedo 1928, tradução nossa).

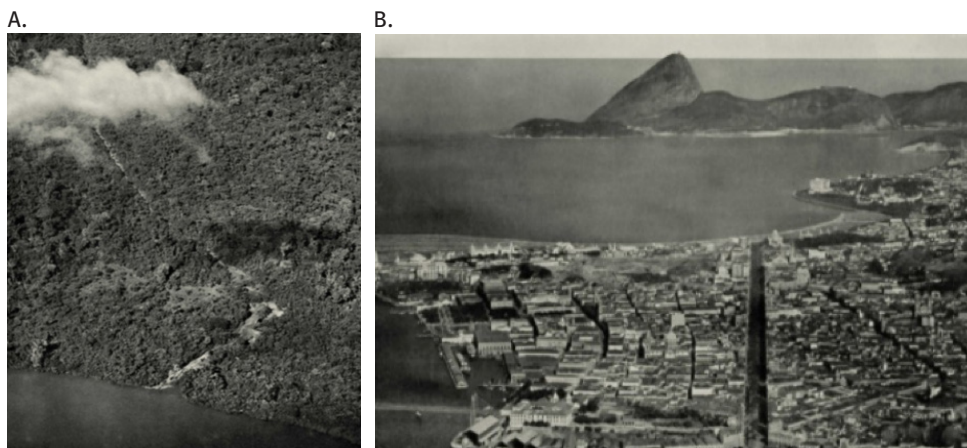
Figura 2. Planisfério é a primeira imagem associada às reportagens sobre a Amazônia.



Fonte: Pinedo (1928, 248-249).

Nos escritos da referida reportagem, todos os países sul-americanos são representados, entretanto, o Brasil é enfatizado como o próprio continente. Pouco se fala dos outros países da região, e o território brasileiro é igualado ao africano quando se trata de formações florestais, embora as diferenças intercontinentais sejam expressivas. Na reportagem, o bioma amazônico é representado unicamente pelas suas florestas e ambientes naturais prístinos, enquanto a passagem de avião pela capital do país, até então o Rio de Janeiro, mostra o desenvolvimento urbano da cidade diante de um cenário de belíssima natureza (figura 3).

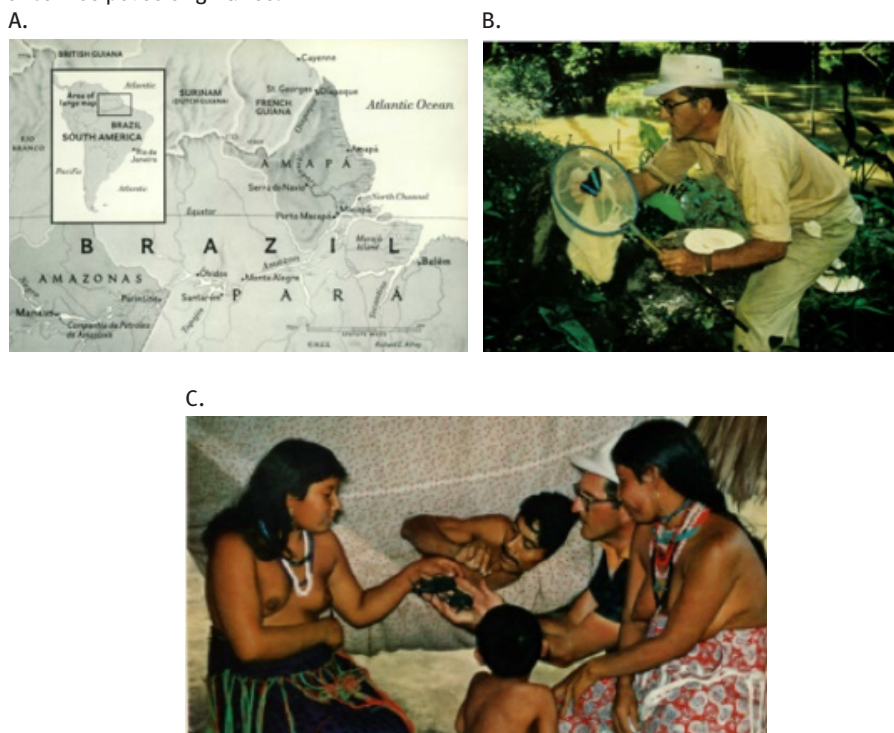
Figura 3. A Amazônia como ambiente prístino e de natureza exuberante. B. Rio de Janeiro e o desenvolvimento urbano.



Fonte: Pinedo (1928, 265 e 277, figuras A e B, respectivamente).

Em maio de 1959, a revista publica uma reportagem específica sobre insetos gigantes da Amazônia (Zahl 1959). Tanto na reportagem quanto nas imagens que acompanham o texto, o foco são os insetos maiores que os convencionais, especialmente as formigas e seu hábito de vida. As fotos complementam-se, entre coloridas e em preto e branco, em tamanhos variados. Na reportagem, o autor escreve que aquelas formigas só são encontradas na América do Sul e que, por isso, ele viajou ao Brasil para conhecê-las. Ainda aqui, notamos certa incoerência narrativa comum nos textos: indica-se o Brasil representando a América do Sul como um todo, bem como o único país com a Floresta Amazônica em seu território, apesar de já ser representado corretamente em ilustração cartográfica (figura 4). Nas palavras do autor, “[...] localizar os ninhos e observar os hábitos desses insetos gigantes pouco conhecidos estava no topo da minha lista de motivos para vir ao Brasil. Eles são encontrados apenas na América do Sul” (Zahl 1959, 632, tradução nossa).

Figura 4. A. Representação gráfica da região amazônica em 1959. B. Expedicionário em coleta de amostras, representando os interesses de pesquisa na biodiversidade. C. Convivência do pesquisador com os povos originários.



Fonte: Zahl (1959, 641, 649 e 644, figuras A, B e C, respectivamente).

No mesmo ano de 1959, o aspecto etnográfico merece destaque no periódico, com a publicação de artigo que descreve os ritos culturais de passagem da infância para a vida adulta em uma comunidade indígena, naquela ocasião, descrita como tribo (Schultz 1959). A reportagem mescla imagens em preto e branco com outras coloridas, sendo que estas últimas dão o detalhamento visual do ritual praticado (figura 5). Na reportagem, em seu recorte descritivo da cultura indígena, percebe-se uma tendência à apropriação cultural, uma vez que o relato é construído exclusivamente do ponto de vista do escritor-observador. Tais condutas narrativas reforçam o estereótipo da primitividade dos povos americanos originários, pois eles não possuem lugar de fala na reportagem e são apenas representações culturais a serem descritas.

Figura 5. A. Visão geral dos hábitos de vida da população indígena, em preto e branco. B. Detalhes de ritual indígena, em imagem colorida.



Fonte: Schultz (1959, 634 e 636, figuras A e B, respectivamente).

Em maio de 1980, a revista publica uma reportagem sobre a instalação de uma indústria de papel na região amazônica do Rio Jari (McIntyre 1980), situada no contexto da expansão industrial promovida durante o regime militar no Brasil (1964-1985). Na reportagem, há uma fala do presidente da referida empresa, que enfatiza a importância visionária da industrialização nacional, o que se correlaciona à percepção cultural norte-americana de desenvolvimento econômico e social de uma nação (Gomes 2018), em voga na época. Na fala do presidente Ludwig:

De volta aos anos cinquenta, eu pensei em instalar uma fábrica flutuante e levá-la para uma região não desenvolvida — como a planta de dessalinização que faz água fresca em um porto na Arábia Saudita. E eu percebi que a explosão da comunicação

mundial poderia levar à falta de papel pelos anos 1980. Então, vinte anos atrás, enviei especialistas para procurar por árvores de crescimento rápido para polpa de celulose. Nós a encontramos na melina [*Gmelina arborea*], uma árvore asiática. Ela cresce por toda a parte na Nigéria e no Panamá. (McIntyre 1980, 698)

A reportagem reafirma processos de dominação e colonização do meio ambiente, entendendo-se o protecionismo ambiental como fator de retrocesso e impedimento ao desenvolvimento. Tal afirmação chamou a atenção para a degradação ambiental, que, conforme narra o autor do artigo, promoveu um evento onde 5.000 cientistas, reunidos em evento científico, vaiaram o porta-voz da empresa. O presidente Ludwig acrescentou em sua fala: “nós nem mesmo sabemos o que estamos derrubando” (McIntyre, 1980, 699, tradução nossa).

As imagens vinculadas mostram um grande contraste com a indústria rica, trazendo maquinários e funcionários em primeiro plano, em fotos maiores, coloridas e em página dupla. Em sequência, fotos da imponência da natureza diante do ambiente domesticado e industrial, de grande porte. Segue-se a narrativa, destacando os problemas ambientais, com a demonstração da vida e da população ribeirinha buscando comida de barco e cortando madeira, em um estilo de vida tradicional das comunidades da região. A construção da narrativa visual acentua, portanto, o contraste socioeconômico e a necessidade iminente de industrializar a região, mesmo em detrimento da conservação sistêmica e da valorização das culturas tradicionais (figura 6).

A reportagem de McIntyre foi a única publicada sobre temas relacionados com a Amazônia e a floresta na década dos anos oitenta, e uma reportagem com o mesmo cunho industrializante foi obtida no levantamento documental da década de 1990. Em fevereiro de 1995, a reportagem intitulada *The Amazon: South America's River Road* (Webb e Van Dyck 1995) trouxe tópicos como os perigos climáticos da região (chuvas e raios, entre outros), o pouco desenvolvimento urbano, a vida simples e pobre do gentio (figura 7) e os costumes considerados pitorescos e simplistas, na análise da narrativa dos autores. Vale observar, entretanto, que só então a revista deixa claro o entendimento de que a Amazônia, como bioma, não ocorre exclusivamente no país, tendo a paisagem identificada como característica do norte da América do Sul.

A perspectiva desenvolvimentista da Amazônia, vigente nas narrativas visuais dos anos cinquenta aos oitenta, sofreria uma drástica mudança na segunda metade da década de os noventa, quando os movimentos ambientalistas globais se fizeram presentes na sociedade brasileira, após a reabertura ao regime democrático. Em especial, é válido destacar a luta conservacionista de Chico Mendes, assassinado em 1988, um dos principais ativistas na defesa e conservação da Floresta Amazônica. Também é possível destacar a Rio 92, um encontro global pro-

Figura 6. A. Contrastes apresentados na reportagem de McIntyre. A. Trabalhador industrial. B. População ribeirinha local. C. Imponência do empreendimento industrial contrastando com a paisagem da floresta. D. O impacto da derrubada de árvores na paisagem.



Fonte: McIntyre (1980, 693, 709, 706-707 e 696, 697, figuras A, B, C e D, respectivamente).

Figura 7. A. Crianças brincando no rio em Parintins, junto às embarcações de pesca. B. Criança mascarada de pirarucu, peixe típico e símbolo da região amazônica.



Fonte: Webb e Van Dyk (1995, 25 e 49).

movido pela Organização das Nações Unidas para a conservação e a prevenção dos efeitos das mudanças climáticas para o bem-estar dos povos. Esses contextos sociais e políticos modificaram as narrativas e as representações visuais presentes na *National Geographic*, sendo a década de 1990 um ponto de inflexão na forma como a região é retratada e na dimensão das fotografias veiculadas desde então, dando-se prioridade a fotografias maiores em dimensão, de página inteira e páginas duplas.

Em meados da década de 1990, com a reportagem intitulada *Orbit: the astronaut's view of home* (APT, 1996), as fotografias das reportagens ressaltam a progressão histórica do desmatamento no noroeste da floresta, com assentamentos madeireiros/garimpeiros na área de Rondônia, fruto da ocupação e exploração ilegal da região.

Nessas narrativas comentadas, inicia-se a construção histórica que levaria o mundo a ter um olhar mais atento para a geografia social — representada pelas lutas dos povos originários e comunidades tradicionais pela conservação ambiental — e a socioeconomia da região — mediante o desenvolvimento sustentável e políticas públicas de desenvolvimento pautadas em práticas ambientalmente adequadas. Certas temáticas fazem-se presentes, como a preocupação em denunciar e mitigar os efeitos da devastação ilegal da floresta e a sua relação direta com o equilíbrio global do clima, a conservação da biodiversidade e a perpetuação das culturas tradicionais.

No século XXI, em consonância com os movimentos ambientalistas e as reuniões de governanças internacionais, os desdobramentos do encontro Rio 92 e a cúpula das Nações Unidas na Rio +20 (United Nations 2012), a *National Geographic* incorpora uma perspectiva muito mais engajada nas lutas contra o desmatamento em suas narrativas. Também é nesse momento histórico que podemos perceber uma sociogeografia mais presente e tematicamente diversificada nas páginas da revista. A partir do século XXI, quando o recorte temático está situado na Floresta Amazônica, as pautas incluem aspectos de economia, sociologia, políticas públicas e conservacionismo, o que diversifica as narrativas para além das descrições ambientais e relatos sobre a biodiversidade. Tal fato é corroborado, inclusive, pelo total de publicações registradas a partir de 2000, com metade das reportagens analisadas situada nesta fase.

A primeira reportagem do século XXI foi publicada em 2003 e traz a análise da construção de uma estrada transnacional através da floresta, interligando Brasil e Peru ao Oceano Pacífico. Nessa reportagem, já há a demarcação da diferença entre os países que abrigam a Floresta Amazônica em seu território, diferentemente dos dados narrados no século XIX. Mesmo assim, as fotografias seguem retratando somente o ambiente natural e a relação entre o homem e a natureza por meio de sua domesticação.

Além das análises que tratam da biodiversidade do bioma e dos processos de industrialização e ambientais em curso, faz-se importante ressaltar os povos indígenas originários e as narrativas sobre eles construídas.

Em 2003, a reportagem *Into the Amazon* traz, pela primeira vez, a visão de brasileiro ativista em prol dos direitos indígenas e do seu estilo de vida tradicional (May *et al.* 2003). A reportagem traça a necessidade de manutenção dos espaços de isolamento de comunidades que ainda vivem em tal status de distanciamento da cultura ocidentalizada. Desta feita, levantam-se os primórdios das discussões contemporâneas a respeito das intervenções e ocupações em territórios indígenas, bem como da defesa de fronteiras das áreas demarcadas por direito para esses povos.

Em 2018, na reportagem *Threatened by the outside world* (Wallace *et al.* 2018), a temática da preservação da cultura indígena volta à cena, mas com o alerta para as ameaças à cultura e às características sociais das comunidades, intimidadas de forma iminente pela ação de garimpeiros e madeireiros em suas terras (figura 8). A reportagem critica a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), apontada como pouco atuante para a resolução dos conflitos e proteção dos povos indígenas.

Figura 8. A. Representação da cultura e dos hábitos de comunidade indígena. B. Queimadas provocadas por madeireiros e garimpeiros em área de proteção e território indígena.



Fonte: Wallace *et al.* (2018, 44-45 e 47, figuras A e B, respectivamente).

Nesta última reportagem citada, vale uma análise crítica cuidadosa da dubiedade na escolha das imagens selecionadas para retratar a narrativa. As fotos que compõem o editorial mostram indígenas vestidos tipicamente, de acordo com sua cultura, e em contato com animais e elementos da natureza (figura 8A), enfatizando que não devem ser confundidos com os madeireiros. A reportagem pa-

rece reforçar um estereótipo de atraso da população indígena em relação ao homem branco, o que é corroborado nas legendas das imagens: embora não deixe claro o grau de acesso às tecnologias de informação e comunicação que os indígenas têm, há a indicação de que alguns possuem roupas — no caso, compradas de fora da aldeia — e mesmo acesso a *smartphones*. Na figura 9, por exemplo, há contraste entre a narrativa visual e a descritiva. Na foto, vê-se uma mulher indígena em atividade de preparo alimentar, com o recurso tradicional de caça. A legenda da cena ressalta o uso de tecnologias, como os *smartphones*, pela mesma população. A imagem põe em relevo um estereótipo do estilo de vida e dos hábitos primitivos associados às comunidades apresentadas, uma vez que propaga a ideia de falta de acesso e de conhecimento das tecnologias por parte da população indígena.

Figura 9. Incongruência na narrativa visual, com representação de estilo de vida comunitário e tradicional, ilustrando o preparo de caça, e legenda que salienta o acesso e uso de tecnologias digitais, como smartphones.

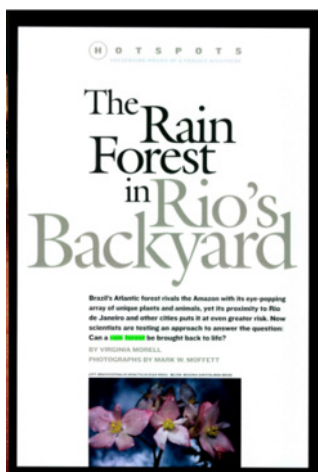


An Awá woman cleans and butchers an armadillo in the village of Posto Awá. Today most Awá live in settled communities near government outposts where they have greater access to manufactured goods such as metal tools, guns, medicine, and even smartphones.

Fonte: Wallace *et al.* (2018, 43).

Dentre as reportagens dos anos dois mil, é possível citar a de Moffett *et al.* (2004), que retrata o antigo tema dos rios aéreos da Amazônia, já abordado, sem imagens, em 1894. Em seus infográficos, a reportagem aponta, conforme publicado no século XIX, a importância da movimentação das massas de ar úmidas da floresta para o controle e equilíbrio climático sul-americano, bem como para a conservação da fauna e flora. Ademais, menciona os conflitos madeireiros no plantio de eucalipto em substituição à floresta nativa, tema que é brevemente retomado. A Amazônia aparece citada na reportagem de 2004, com destaque ao seu papel para a conservação da biodiversidade nacional (figura 10).

Figura 10. Reportagem destacando o papel da Floresta Amazônica no equilíbrio climático.



Fonte: Moffett *et al.* (2004, 3).

Em 2007 e 2008, duas reportagens enfatizam a problemática do desmatamento na região e os conflitos pelo uso do solo. Na primeira, destaca-se o conflito entre os diferentes atores envolvidos: de um lado, indígenas e ambientalistas na luta pela conservação ecossistêmica, em oposição a madeireiros, mineradores e pecuaristas, que avançam pela floresta para uso econômico e indiscriminado da área. A reportagem também ressalta as mortes e os abusos sociais cometidos contra os povos nativos, subjugados ante o poderio armamentista e monetário de um grupo minoritário, e as políticas públicas de fiscalização, ainda insuficientes para impedir as intervenções ilegais.

A segunda reportagem, em 2008, traz o panorama da qualidade do solo amazônico e sua intrínseca interdependência com a floresta, sendo a riqueza nutricional dependente dos recursos da cobertura vegetal; o equilíbrio na decomposição e ciclagem de nutrientes também é abordado. Em ambas as reportagens, as imagens são de cunho informativo, alertando para a problemática e localizando o seu contexto visualmente por meio de mapas e infográficos que descrevem os conflitos.

Sobre a temática ecológica e ambiental, duas reportagens trazem aspectos únicos do ecossistema amazônico, como o surfe nas ondas da Pororoca (Bourne 2005) e as espécies de golfinhos encontradas no Rio Amazonas (Jenkins e Schafer 2009). Já na década de 2010, conferimos maior atenção dada às problemáticas e conflitos ambientais. A exemplo, identificamos uma reportagem descrevendo a cultura da tribo Kayapó (Brown e Schoeller 2014), realçando a visão da vida selvagem e em meio aos elementos da floresta e a inserção dos indígenas no cotidiano da dita civilização.

No contexto da seca histórica que assolou a região sudeste entre 2014 e 2016, com impactos diretos na geração de energia, foi publicada a reportagem de Marengo *et al.* (2015), que tratava da iminência do aquecimento global e das mudanças climáticas experimentadas por todos os países. As narrativas visuais incluíram três fotos de duas páginas cada: a primeira trazia a imagem das geleiras na Noruega derretendo, como uma das consequências do aquecimento global; a segunda mostrava a noite de Manhattan (EUA), enfatizando o consumo energético; e, por fim, uma imagem emblemática do Brasil: a Floresta Amazônica em chamas, no Mato Grosso (figura 12). No tocante ao Brasil, fica nítido o que o país representa para outras nações ao se exporem as fragilidades das políticas nacionais de conservação e a incapacidade governamental de manter acordos sobre o clima firmados em convenções internacionais. Especialmente na comparação entre a imagem/legenda sobre a Noruega e a relativa ao Brasil, constrói-se a narrativa de que as mudanças climáticas que atingem os países do Hemisfério Norte resultam exclusivamente das ações empreendidas pelas nações em desenvolvimento.

Figura 11. Construção de imaginários identitários observados após a década de 2000.

A.



B.



C.



D.



Fonte: McIntyre (1980, 693, 709, 706-707 e 696, 697, figuras A, B, C e D, respectivamente).

Figura 12. Imagem retratando a Amazônia em chamas.



Fonte: Marengo *et al.* (2014, 12-13).

A aparição mais recente da Amazônia na revista é datada de 2020, representando as queimadas na floresta, e a ameaça de o bioma tornar-se uma savana seca devido ao desmatamento acelerado contribui para a continuidade da narrativa sobre os conflitos econômicos da região. Os infográficos da reportagem ocupam cinco páginas e tratam das atuais mudanças climáticas. Entretanto, a análise crítica das imagens a respeito do Brasil e da construção histórica das narrativas em evidência mostrou que não houve melhora na percepção visual do país em questões ambientais, como demonstrado nas reportagens a partir da década de 2000. O Brasil continua sendo retratado, visualmente, como um país de baixo engajamento em políticas para a conservação ambiental, e, em se tratando da Floresta Amazônica, as imagens selecionadas têm um forte apelo publicitário no que tange aos extensos danos ocasionados ao bioma por conta de queimadas e desmatamento acelerado.

Conforme apresentado ao longo do artigo, as narrativas acerca da Floresta Amazônica, como bioma e região sociogeográfica única na América do Sul, passam imaginários visuais similares ao longo do recorte historiográfico traçado. A partir da seleção do termo *Brazil* para acesso às informações relevantes sobre o país na biblioteca virtual da revista *National Geographic*, o tema Amazônia despertou atenção para o recorte de pesquisa, considerando-se um ecossistema sobre o qual recaem múltiplos e diversos interesses socioeconômicos.

Na historiografia constituída pelas 24 reportagens que tratam da Amazônia, entre 1888 e 2020, as primeiras narrativas não continham imagens, em consonância com o contexto histórico do uso de imagens na reprografia e nas revistas

de então. As primeiras imagens obtidas da Amazônia constituíam apenas uma análise narrativo-descritiva, de forma a exemplificar o que estava sendo dito nas reportagens. O viés descritivo, cientificista e tecnicista tem relação também com o estilo jornalístico da revista na época, quando o conhecimento sobre áreas remotas e distantes dos centros educacionais e culturais exigia uma reprodução da realidade, para a construção do imaginário sobre a narrativa, na perspectiva de quem a produzia.

O que se percebe na história, no entanto, é que as imagens e as construções imaginárias sobre a Amazônia nas páginas da *National Geographic* podem ser contempladas em duas frentes. Na primeira, tem-se o caráter de curiosidades científicas em geral, em que aspectos da fauna, flora e cultura dos povos tradicionais e indígenas são abordados. Essas reportagens são narrativas e descritivas, com as imagens servindo de instrumento para o constructo do imaginário narrativo. Tanto o é que a menção à floresta se transmutou na sua representatividade, desde a descrição holística, em que se igualava à categoria de nação, passando à menção de que a floresta ocorria apenas em território brasileiro, até a atual compreensão de sua complexa distribuição multinacional e das particularidades geográficas de sua distribuição.

Por outro lado, as imagens que estão no contexto situacional a respeito das problemáticas políticas e ambientais têm um impacto muito mais direto e evidente sobre os imaginários construídos. Trazem para a realidade midiática os conflitos existentes no território e um discurso negativista que, por vezes, sobrepesa a medida da crítica sem o adequado contexto político e econômico que perpassa as narrativas. É evidente e contundente que as ações em direção à ocupação de terras florestais, especificamente para atividades de mineração, exploração madeireira e abertura agrícola para pastagens e monoculturas, são fator de degradação ambiental severa na região. Além disso, há que se ressaltar que tais interferências antrópicas na floresta, com clara degradação do solo, vêm em muito concorrendo para os distúrbios climáticos em escala regional, como as secas prolongadas no sudeste brasileiro, e para as emissões de carbono atmosférico, que diretamente contribuem para a intensificação dos efeitos das mudanças climáticas em todo o globo.

Ainda assim, essas imagens não trazem consigo detalhamento ou aprofundamento adequado das políticas ambientais, nem do contexto sociopolítico brasileiro. Considerando que as políticas atuais para a conservação e fiscalização são morosas em suas implementações, mostrando uma menor efetividade, ainda é preciso observar todo o cenário geopolítico, os conflitos econômicos e o papel social em tais questões na resolução dos conflitos pelo uso e ocupação da terra. Na análise das imagens, não é possível determinar ou elaborar o constructo dos porquês que levaram a tal desestruturação institucional para a pro-

teção do bioma e ao apagamento do protagonismo social na luta conservacionista. Este último pode ser discutido no âmbito dos retratos narrados dos povos indígenas, situando-os como primitivos e simplórios, sem acesso à informação ou mesmo comunicação com o planeta. A narrativa construída sobre a população indígena tem intenso apelo ao passado, como se essa população estivesse presa a um tempo pretérito imóvel, o que indica a existência de um olhar colonizador na concepção do outro.

Os indígenas foram invisibilizados também em suas lutas como os maiores protagonistas na defesa da floresta, dos recursos naturais, na demarcação de áreas protegidas e de terras indígenas e no desenvolvimento sustentável da região. Conforme Neto de Jesus (2014), a exploração dos recursos da floresta por comunidades tradicionais, a exemplo do ecoturismo, pode ser uma alternativa na conservação de costumes tradicionais e manutenção das áreas de ocupação, além de ter o potencial de reavivar as tradições orais. Esses aspectos, por sua vez, não foram retratados nas páginas da *National Geographic*, em um viés de análise que deve ser investigado no futuro, com o porquê de não retratar o desenvolvimento econômico sustentável de tais comunidades nas imagens apresentadas na revista.

As reportagens, por vezes, trazem imagens com distorções interpretativas da Floresta Amazônica, seja como um ambiente originário, selvagem e pristino, seja como um ambiente fortemente destruído e ameaçado. Isso é discutido no trabalho de Costa (2021), que revisa a construção de imagens e imaginários sobre a Amazônia a partir da representação artística do bioma. Como enfatiza o autor, ao longo da história do século XX, a representação da floresta e de seus recursos passa de uma perspectiva de ambiente a ser dominado — e, portanto, explorado, unicamente — para a de um ambiente de resistências, onde a organização comunitária e a luta dos povos originais adquirem protagonismo nas narrativas visuais.

Desta feita, concluímos que as construções narrativas e imaginárias sobre a Amazônia, tal como identificado nas páginas do periódico e nas reportagens analisadas, ainda carecem de acurácia de contextos. Deve ser feita uma análise crítica de como interpretar as imagens, narrar corretamente as suas representações e dar visibilidade a narrativas mais plurais e complexas que tomam a população originária como autora e conhecedora daquele bioma. Isso significa preocupar-se para que interpretações enviesadas não sejam feitas e culpabilizações não sejam incorretamente destinadas, mas, principalmente, para retratar com respeito e dignidade os gentios que ali habitam, para que possam ter suas histórias narradas com seu protagonismo. Em se tratando dos povos indígenas, em especial, é urgente e necessário que suas falas sejam reproduzidas, e não somente suas imagens, como exóticos e primitivos, pois são esses os povos que podem — e desejamos que efetivamente possam — consolidar um futuro conservacionista para um dos mais ricos biomas do planeta.

Considerações finais

A pesquisa retratada neste artigo tomou como objeto de investigação um total de 24 reportagens publicadas na revista *National Geographic*, de 1889 a 2021, que faziam menção explícita à Floresta Amazônica. No decorrer de nossa análise, identificamos que as narrativas visuais se alteram com o passar do tempo e que a forma como essas alterações ocorrem estão associadas a relações de poder e racionalidades vigentes em cada época. Tomamos como critério a avaliação das reportagens publicadas na revista, não havendo discriminação de autor, jornalista ou cientista responsável, uma vez que estes se alternavam ao longo do tempo. As primeiras reportagens não continham imagens e traziam apenas relatos científicos para a divulgação de novas informações aos membros assinantes. Ao longo do século XX, houve a progressiva incorporação de imagens, com uma narrativa construída sobre um bioma pitoresco, com povos primitivos e costumes tradicionais, além de relatos sobre a fauna e a flora. Nesse período, a Amazônia era representada como sendo o próprio Brasil, ou como exclusiva do território brasileiro. Já no século XXI, os problemas ambientais e os conflitos regionais pelo uso das terras são os temas principais.

Na construção das narrativas visuais sobre a Amazônia, os povos indígenas foram silenciados, embora suas imagens sejam amplamente divulgadas. Os problemas ambientais foram apresentados como causa de incômodos aos países do Hemisfério Norte, sem a adequada análise das situações a partir das quais as problemáticas se constroem.

Realizar tal investigação significou superar alguns desafios metodológicos, pois foi preciso compreender o processo de produção das imagens ao longo de 130 anos e analisá-las considerando a relação que têm com o texto e com outras imagens, para identificar e confrontar a rede de significados que a imagem carrega. A pesquisa colocou em causa a arqueogenealogia da racionalidade pedagógica das imagens na revista *National Geographic*, explorando as estratégias de produção visual da Floresta Amazônica e, em suma, os procedimentos de edição eleitos, os objetivos de descrever determinado conhecimento e os regimes de verdade circunscritos às imagens e seu contexto.

A partir da análise dos dados, destacamos a necessidade de construção de narrativas mais plurais e complexas, relacionadas à realidade nacional, e não apenas com a visão ocidental e colonial que se fomentam sobre o bioma. Concluímos que a *National Geographic* colabora na criação de narrativas visuais capazes de nos ensinar sobre povos, florestas e espaços, mesmo que nunca os tenhamos conhecido ou tido contato com eles. Ao tomarmos contato com as imagens sobre a Amazônia, bem como as ausências e invisibilidades ali existentes, aprendemos sobre esse bioma, aprendemos a ver este bioma, a imaginar e a criar sua representação. Isso significa que as dinâmicas discursivas e visuais subjacentes

à representação compõem um elemento fundamental na construção da cultura visual sobre um Brasil, sobre um território geográfico brasileiro e até mesmo sobre a cultura dos povos originários. **ID**

Referências

- Almeida, Maria Geralda de. 2021. Paisagens: uma contribuição da arte para a geografia sociocultural. *Espaço e Cultura*, 49: 125-142.
- Azevedo, Ana Francisca de. 2014. Cultura visual: as potencialidades da imagem na formação do imaginário espacial do mundo contemporâneo. *Geografares*, 07-21. (Edição Especial).
- Bourne, Joel. 2005. Surfing Brazil's [Pororoca]. *National Geographic Magazine*, 207(5): 27.
- Brown, Chip e Martin Schoeller. 2014. Defenders of the Amazon: Kayapo courage. *National Geographic Magazine*, 225(1): 31-58.
- Chaves Nunes, Ana Paula. 2020. Ensinar geografia é ensinar a ver? Notas de um exercício com imagens em livros didáticos. *Educação UNISINOS* (online), 24: 1-12.
- Cosgrove, D. 2004. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In Corrêa, R. L. e Z. Rosendahl (Orgs.), *Paisagem, tempo e cultura*. 2a ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 92-123.
- Costa, Gil Vieira. 2021. Imagens da Amazônia na arte brasileira: do território a conquistar ao território a resistir. *Revista Poiésis*, 22(38): 44-63, jul./dez. <https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i38.45673>.
- Didi-Huberman, Georges. 2012. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmelho e Vera Casa Nova. *Revista Pós*, 2(4): 204-219. Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Gomes de Oliveira, Marco Antonio. 2018. Economia, educação e segurança nacional na ditadura civil militar no Brasil. *Revista Cocar*, 24(12): 42-455.
- Greely, Adolphus Washington. 1897. Rubber forests of Nicaragua and Sierra Leone. *National Geographic Magazine*, 8(3): 83-91.
- Hubbard, Gardiner Greene. 1894. Relations of air and water to temperature and life. *National Geographic Magazine*, 5: 112-124, 31 Jan.
- Jenkins, Mark e Kevin Schafer. 2009. River spirits: Amazon dolphins. *National Geographic Magazine*, 215(6): 98-111.
- La Rocca, Fabio. 2017. A mutação visual do mundo social. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 3(2): 25-31. <https://doi.org/10.21814/rlec.174>.
- Marengo, J. A., C. A Nobre, M. E. Seluchi, A. Cuartas, L. M. Alves, E. M. Mendiondo, G. Obregón e G. Sempio. 2015. A seca e a crise hídrica de 2014-2015 em São Paulo. *Revista USP*, 106: 31-44.

- May, Valerie A. *et al.* 2003. Into the Amazon. *National Geographic Magazine*, p. 3.
- McIntyre, Loren. 1980. Jari: A billion-dollar gamble. *National Geographic Magazine*, 157(5): 693.
- Mirzoeff, Nicholas. 2016. O direito a olhar. *ETD – Educação Temática Digital*, 18(4): 745.
- Moffett, Mark W. *et al.* 2004. The rain forest in Rio's backyard. *National Geographic Magazine*, 205(3): 3+.
- National Geographic Partners (Estados Unidos). 1995 a 2020. *National Geographic*. <https://www.nationalgeographic.com/>. (Acesso em: 20 set. 2020).
- National Geographic Virtual Library (Estados Unidos). *National Geographic Virtual Library*. <https://natgeo.gale.com/natgeo/archive?sid=geolinks&p=NGMA&u=capesnatgeo>. (Acesso em: 01 out. 2020).
- Pinedo, Francesco de. 1928. By seaplane to six continents: cruising 60,000 miles, Italian Argonauts of the air see world geography unroll, and break new sky trails over vast Brazilian jungles. *National Geographic Magazine*, 54(3): 247-392. (Acesso em: 25 set. 2021).
- Rose, Gillian. 2013. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a Geografia é “visual”? *Espaço e Cultura*, 33: 197-206, jan./jun.
- Sardelich, Maria Emilia. 2006. Leitura de imagens e cultura visual : desenredando conceitos para a prática educativa. *Educar em revista*, 27: 203-219.
- Schultz, Harald. 1959. Tukuna maidens come of age. *National Geographic Magazine*, 66(5): 629-649.
- Sérvio, Pablo Petit Passos. 2014. O que estudam os estudos de cultura visual? *Revista Digital do LAV*, 7(2).
- Silva, Leonardo Ferreira da. 2018. Letramento visual: aspectos multimodais para a produção de sentido. *XVIII Viva a Pernambucanidade [...]*. Recife, PE: FAFIRE: Curso de Letras, 1-6.
- United Nations. 2012. The future we want. *Resolution adopted by the General Assembly on 27 July 2012 [...]*. Rio de Janeiro, RJ: ONU, 53.
- Wallace, *et al.* 2018. Threatened by the outside world. *National Geographic Magazine*, 234(04): 43.
- Webb, Alex e Jere Van Dyk. 1995. The Amazon: South America's river road. *National Geographic Magazine*, 187(2): 25-49.
- Zahl, Paul A. 1959. Giant insects of the Amazon. *National Geographic Magazine*, [s. l.], 115(5): 632-669.